

## EXPANDIDO

### O MUSEU COMO MORADA DOS SONHOS

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

O primeiro desafio lançado àqueles que se propõem a promover ações de educação ambiental e educação para o patrimônio em um território musealizado vem a ser: que histórias queremos contar com um museu?

Para respondermos essa pergunta, precisamos retomar a consideração de Agostinho de Hipona quanto às temporalidades com as quais nos relacionamos, já que o museu por excelência é o espaço que procura abarcar o tempo. O presente do passado segundo esse ponto de vista vem a ser compreendido como memória, o presente do presente como intuição direta, e, o presente do futuro como o tempo da esperança, dos sonhos. O museu, nesse sentido, está para muito além da visão simplória do lugar que guarda coisas velhas, empoeiradas e carcomidas. Ao contrário, reúne os grupos de pessoas ao seu entorno, conectando os indivíduos, suas temporalidades e suas experiências de vida. Por isso, o museu passa a ser um lugar de memória que abriga tanto as lembranças e esquecimentos, quanto os anseios e os projetos daqueles que buscam uma melhor qualidade de vida para a sua comunidade.

Nesses termos, concordando com Pierre Nora ao afirmar que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e de suas ramificações. Sendo essas ramificações e metamorfoses aquilo que nos instiga nesses lugares que manifestam as disputas pela memória no tempo presente.

O museu, portanto, entendido como lugar de memória, possibilita aos indivíduos pertencentes às comunidades que estão reunidas em seu entorno, participarem efetivamente da elaboração e manutenção de seu projeto, exercendo o direito constante de sua memória e de sua identidade cultural.

Assim, o Museu Dr. Américo Werneck, busca definir seu plano de ação a partir da visão de que o patrimônio deve ser entendido como todo o território com suas riquezas naturais e as comunidades portadoras de saberes e fazeres, histórias e memórias. Caracterizando-se como museu de território, o museu tende a estender suas raízes para todos aqueles campos onde seja necessária a sua atuação, mediação e reflexão.

O objetivo da presente proposta de comunicação, portanto, é apresentar as ações educativas promovidas pelo MAW direcionadas a diferentes públicos da comunidade local como forma de trabalhar conceitos como cidadania, cultura e identidade, estimulando ações de musealização no território junto a alunos e professores da rede pública municipal e estadual de ensino em Lambari e Jesuânia, bem como estabelecer-se como centro de referência em educação ambiental e educação para o patrimônio estimulando a produção do conhecimento seja de maneira formal ou não formal.

Dessa forma, voltamos nossa atenção para duas localidades do sul de Minas que precisam urgentemente repensar sobre a preservação de seu bioma, marcado pela progressiva degradação do rio Lambari e seus córregos afluentes seja pelo assoreamento de seus leitos ou pela poluição. Ligadas no passado ao território da Vila de Águas Virtuosas do Lambary, Lambari e Jesuânia, antigo distrito do Lambarzinho, tem seu topônimo relacionado à espécie *Characidium Faciatum*, *Lambris*.

Comumente pescado nos córregos e rios da região, esse peixe é um importante indicador de equilíbrio ambiental, já que sua espécie sobrevive somente em mananciais com água limpa. O peixinho prateado com a faixa vermelha na calda, bordado na bandeira do município de Lambari tem deixado de ser encontrado em cursos d'água poluídos em todo o Brasil. Nesse

sentido, a promoção de ações educativas voltadas para a sensibilização quanto à criação de políticas públicas para a preservação ambiental dos cursos d'água nos ecossistemas onde MAW se encontra tem sido uma pauta de ordem.

Se, o tempo do futuro é, portanto, o tempo das esperanças, faz-se necessário (re)significar os mananciais que formam a bacia hidráulica do rio Lambari, através do fortalecimento de uma cultura da água, tendo em vista a consideração de Gaston Bachelard de que o elemento água nos permite sempre acessar um universo poético sempre aberto à imaginação.

No passado, meninos nascidos em Lambari junto a outras crianças, filhas de turistas que visitavam essa estância hidromineral no período da estação de águas realizavam divertidos campeonato de corrida de barquinhos de papel no rio Mumbuca que atravessa o espaço citadino da Estância Balneário do Lambari. Esse é apenas um exemplo para se abordar quantas narrativas tem nos permitindo vivenciar novas experiências sensíveis para aproximar os alunos de escolas públicas local desses lugares de memória – dos tempos da água – o tempo da diversão com os banhos de rio no verão, o tempo das “enchentes da goiaba” no mês de março, o tempo das pescarias e dos passeios de barco no lago Guanabara.

Por isso, partindo de tal reflexão, a equipe do MAW vem propondo uma série de conversas com os moradores das referidas cidades, pesquisas nos acervos de família, para além dos bens culturais salvaguardados pelo museu, bem como oficinas com professores, visitas mediadas, experiências à beira dos córregos com a montagem de pequenos laboratórios junto aos alunos do Ensino Médio e seus professores de Química, além de intervenções em praças, monumentos e a (re)apropriação de discursos e espaços da cidade. As ações voltadas para as crianças, adolescentes e jovens que estudam na rede pública de ensino, nas escolas municipais e estaduais dos municípios de Lambari e Jesuânia, têm-nos permitido (re)pensar e (re)significar o porquê de se manter um museu em cidades pequenas como essas, com menos de 20 mil habitantes. Na tentativa primordial de encontrarmos, juntos, soluções e alternativas para realizarmos a interiorização dos debates sobre a proteção e promoção do patrimônio museológico e de suas coleções, temos encontrado o caminho na sensibilidade das comunidades para que exerçam o direito à memória, à identidade cultural e à cidadania a partir da valorização do seu lugar.

A cooperação com diferentes atores e grupos locais torna possível manter as atividades do museu por meio de uma gestão compartilhada, já que o MAW possibilitou o fortalecimento de ações pontuais realizadas anteriormente na tentativa de sensibilização quanto à preservação ambiental, principalmente. Os novos discursos do olhar sugeridos nos itinerários sensíveis: do museu para a cidade e da cidade para dentro o museu estão desenhando novas constelações que conectam os indivíduos, suas narrativas e seus sonhos.

## Referências bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Espaços que suscitam sonhos, museu, pavilhões de fontes hidrominerais*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 31, 205, p. 132-147.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: Educ, n.10, dez 1993, p. 7-28.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RIEGL, A. *Le culte moderne des monuments*. Paris: Seuil, 1984.
- SILVA, Francislei Lima da. *O museu como lugar de visões fantasmáticas: as relações novas e incoerentes entre os restos materiais e residuais*. In: *Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, vol. 1., nº 7, 2016, p. 100-111.